

**4ª PARTE**

---

**Discursos**

## MOZART SORIANO ADERALDO, DE CORPO INTEIRO (\*)

*Artur Eduardo Benevides*

Fico extremamente feliz com o privilégio de apresentar o novo livro de Mozart Soriano Aderaldo, meu dileto companheiro do Grupo CLÃ, da Academia Cearense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura, por todos considerado um dos melhores ensaístas da Geração de 45 no Ceará.

Mozart, antes de tudo, é um homem de fé. Vem da demanda do Santo Graal e dos sacrifícios das Cruzadas. Vem da poesia dos Cancioneiros e das novelas de cavalaria. É um peregrino. Um templário. Um defensor do Santo Sepulcro. Um confidente dos grandes santos e dos evangelistas. É um caráter que se forjou na contemplação do eterno no respeito ao sonho e à vida. Se estivesse na Idade Média seria, por certo, um menestrel, a louvar, de castelo em castelo, os milagres de Nossa Senhora. Se na Renascença, um *clerc* seria, a estudar o mistério do ser e os desacertos do mundo, na solidão das bibliotecas. E de lá chegou com as mãos do espírito carregadas de ideais românticos, como poderia ter chegado das catacumbas de Roma, escolas de mártires. E continuou, nos turbulentos dias que vivemos, a servir a Deus e à cultura, desfaldando, ante os agnósticos, a flâmula de luz que tremulou aos ventos do Mar de Tiberíades.

Hoje, a sua ação intelectual, marcada pela legitimidade do talento, centra-se no ensaio literário, filosófico e sociológico e nos estudos e prospecções de natureza histórica, sobretudo quanto ao passado do povo cearense e as lendas de poesia, de liberdade e heroísmo que se vão apagando nas ruas de Fortaleza. Nesse sentido, aguarda-se com interesse a publicação de sua pesquisa sobre a Praça do Ferreira, falando de coisas que ainda existem ou que já desapareceram como as árvores frondosas, os quiosques, o prédio da Intendência, o Rôtisserie, a Coluna da Hora, o Majestic, o Politeama, o Excelsior, a Camisaria Alvaro, a Rosa dos Alpes, a Garagem Mazane, o Bazar Alemão, o Café do Comércio, o Café Java, o Pega-pinto do Mundico, a casa Leão do Sul, a Alfaiataria Amâncio, o Foto Ribeiro, a Ceará Chique, a Casa Sloper, a primeira loja A Cearense (à entrada do Beco dos Pocinhos), a sorveteria Cristal, a Gruta, a Brapadway e

---

(\*) Palavras pronunciadas quando do lançamento, no Salão Nobre do Náutico Atlético Cearense, de Livros e Idéias — 2ª série, de Mozart Soriano Aderaldo.

o Jangadeiro, além da Farmácia Galeno, Farmácia Belém e da Farmácia Humanitária, sem esquecer o velho Abrigo Central, onde Juscelino Kubitschek tomou café algumas vezes, ao lado de populares.

Apaixonado por tudo a que se dedica, Mozart é um ser iluminado pela graça divina. E a sua grande luta interior tem sido, sem dúvida, a de compatibilizar a sua ardente alma de Jogral ou de Cavaleiro da Távola Redonda, com aquela humildade pregada pelo Poverello de Assis e que bem se ajusta a um verdadeiro cristão.

Quem o conheça de perto sabe que ele é um combatente e um sonhador. Um Guerreiro e um poeta. Um Pastor e um andarilho. E guarda, em seu idealismo, as sementes das vinhas infinitas, ou o barro com que se reconstrói o ser e o mundo.

Já o vi, vezes sem conta, na ênfase de retórica insubmissa, em defesa de suas idéias literárias e da doutrina social da Igreja. De raciocínio ágil e atitudes corajosas, jamais fugindo aos desafios que o surpreendem, é uma voz a serviço da verdade e dos ideais flamejantes da beleza, sob os signos de Apolo e Dionisos.

Na literatura, tem publicado importantes estudos e páginas de lirismo, como poeta bissexto, na classificação de Manuel Bandeira, sendo ainda dos poucos a fazer crítica literária numa terra que já nos deu as figuras oraculares de Rocha Lima e Araripe Júnior, mas, inexplicavelmente, parou, em relação ao gênero.

Devo-lhe muitos estímulos e incentivos, ao longo da gloriosa jornada do Grupo CLÃ, de que fomos fundadores, ao lado de João Clímaco Bezerra, Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiros, Otacílio Colares, Eduardo Campos, Braga Montenegro, Moreira Campos, Milton Dias, Fran Martins, Cláudio Martins, Joaquim Alves, Antonio Martins Filho e outros, constituindo o mais importante grupo literário do Ceará em todos os tempos, pois fizemos três congressos de literatura, lançamos manifestos, editamos 29 números da revista, publicamos mais de 100 livros, incentivamos o movimento dos artistas plásticos (de que surgiram Antônio Bandeira e Aldemir Martins) e ajudamos a criar a Universidade e a Secretaria de Cultura, marcando uma presença de largo espectro na cultura cearense.

O meu ingresso no magistério superior, de que já estou a sair para o *otium cum dignitatem*, foi idéia dele, que indicou o meu nome para professor da antiga Faculdade Católica de Filosofia de que fui diretor e de onde nasceria a Universidade Estadual. E quando completei cinquenta anos, no banquete que a sociedade cearense me ofereceu no Ideal Clube, lá estava ele, como orador oficial, comovido e comovente, arrebatando aplausos. E nunca deixou de referir-se a mim com tolerância e bondade como nas páginas do livro cujo lançamento comemoramos.

Posso dizer, pois, com absoluta convicção e justiça: Mozart Soriano Aderaldo é um nome que escrevo ou pronuncio com grande respeito, por sua cultura polimorfa e humanística, por sua vida de defensor intemorato da fé e pela correção de atitudes diante dos prêmios da existência.

É um homem de livros e de idéias. Alguém que tem a coragem de dizer, coisa que as vai tornando rara em nosso tempo, com os mimetismos e covardias de todos os tipos. É intelectual da sensibilidade comprovada, que lê os clássicos e compreenda as obras de vanguarda, pois é amplo demais o universo da arte e da literatura, como decorrênia da *eltanschayung* de cada época.

Estivemos juntos desde os famosos Congressos de Poesias na década de quarenta, em plena guerra, quando manifestamos a nossa crença nos ideais da liberdade. E como é falha e desconcertante a visão dos homens! Naquele tempo, por defender Humanismo Integral de Jacques Maritain, ele era considerado esquerdista. Hoje quem continua a defender as mesmas idéias e a se insurgir contra as teologias de libertação, é apontado como direitista. É o caso de perguntar, como Machado de Assis: "Mudaria o Natal, ou mudei eu?" A essa pergunta, aliás, o meu inesquecível amigo Augusto Frederico Schmidt, nas páginas de *Antologia de Prosa*, em que evoca as velhas e belíssimas tradições natalinas, já respondeu em 1964, dizendo: "Não mudei eu; o Natal mudou".

Mozart, também, não mudou. Permanece nas alternarias de sua fé, ajudando a remar a Barca de Pedro, que enfrenta momentos tempestuosos, para ser talvez mais bela no amanhã, com a superação de equívocos e contradições.

Goste-se, ou não, do que ele prega e diz, o mesmo pensador de ontem está nele hoje, com inarredáveis pontos de vista doutrinários, a defender o primado da liberdade com responsabilidade, ou a extrair lições dos grandes temas poéticos e ficcionais, sem esquecer o regional autêntico e o sopro de Deus sobre a criação. E luta, a um só tempo, contra os enganos da modernidade, o esvaziamento mórbido do homem e a tendência ultra-reformista da Igreja, considerando-se, talvez, como Gustavo Corção, um prisioneiro de Deus.

Ele sabe que a grande crise universal, somatória de todas as angústias do homem, resulta não tanto da ausência do espírito de Deus no coração dos povos, mas da presença quase satânica do espírito do homem no mundo. E esse espírito está a debater-se, agonicamente, entre as aporias do marxismos e do capitalismo, na perspectiva de uma guerra nuclear, em que todos seriam derrotados. Em outras palavras, estamos no proscênio da maior de todas as tragédias gregas. E somos seus personagens sinagelásticos, como seres humanos possuídos pela consciência do fugaz e do efêmero.

O que está no livro que ora se lança é o pensamento de um homem de grande poder de reflexão e de análise, que foi aluno exemplar de Tristão de Athayde e aprendeu, bem cedo, a valorizar o processo cultural, principalmente na área da ficção, da poesia e do ensaio. Sua visão crítica, por isso mesmo, é serena e construtiva, sem os arabescos e artifícios de linguagem dos cursos de pós-graduação que, a pretexto de formular uma crítica estruturalista, acabam por não fazer nada, perdendo-se num mar de citações repetitivas e inócuas.

Fazer crítica não exige tanto malabarismo e preciosismo. Criticar é analisar, com experiência e cultura, a obra de alguém. Mas analisar, sobretudo, com talento, elemento fundamental, e com independência intelectual e abrangência

perceptiva. O que ocorre hoje é que pouca gente lê, mesmo entre escritores e professores. E isso torna tudo mais difícil, pois, segundo a lição de Faulkner, todo intelectual, se não estiver a criar, sua função maior, deve ser ler, e em seguida ler, e novamente ler...

Pois Mozart Soriano Aderaldo, nas páginas de *Livros e Idéias* — Volume II, dá-nos lições de simplicidade quanto à função judicativa da crítica, sem se preocupar em citar Todorov, Greimas, Lacan, Barthes e outros teóricos, revelando, ademais, grande erudição. E é certo que o crítico tem que ver em profundidade, para surpreender, na obra estudada, o quem há de sutil, de essencial, de singular e de eterno, registrando, por igual, os deslises e omissões. O mais é uma questão de saber dizer, ou de ter o que dizer.

E nisso Mozart é um mestre. O seu discurso crítico atinge as metas programadas, no estudo das idéias dos autores e de suas potencialidades criadoras. Daí o valor de seu novo livro, que enriquece a bibliografia no gênero.

E aqui estamos para trazer-lhe as homenagens a que faz jus como um dos nomes mais representativos da cultura cearense contemporânea. Diante dele, experimentamos aquela "tentação de louvor", de que falava Santo Agostinho. E na sua dimensão terrena, como escritor e pensador, ele é uma luz a iluminar caminhos, exercendo a sua missão histórica com a maior seriedade e dignidade.